

Missão do FMI viaja sem assinar acordo

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — As negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) chegaram ontem a um impasse, com poucas chances de solução imediata. O Fundo exige que o Brasil inclua no texto da carta de intenção indicações "bastante concretas" de que retomaria o pagamento aos bancos privados dos juros atrasados, cerca de US\$ 7 bilhões. O governo recusou, por considerar que a aceitação dessa cláusula significaria antecipar pontos de sua estratégia de negociação com os bancos privados. Da mesma forma, o governo brasileiro não aceitou a exigência do Fundo de fazer constar na carta de intenção as metas de inflação.

Para o governo, o País não pode assumir compromissos cujo cumprimento não depende exclusivamente de sua vontade. E a inflação depende tanto do desfecho do conflito no Golfo Pérsico quanto do comportamento da própria sociedade.

Na quarta-feira, Thomas Reichman ficou no gabinete da ministra Zélia Cardoso de Mello até

por volta das 22 horas, numa reunião da qual participaram também o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, e o embaixador para a dívida externa, Jório Dauster. Aparentemente as negociações caminhavam para um acordo. Segundo fontes que participaram das negociações, o chefe da missão do FMI estava disposto a ceder. Ficou de conversar, na manhã de ontem, por telefone, com o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus. Mas não recebeu autorização de seu chefe para aceitar pontos que representavam, formalmente, a quebra da ortodoxia do Fundo. A questão é delicada para o FMI, porque a aceitação significaria a abertura de um precedente que seria reivindicado por outros países.

No início da semana havia forte expectativa de que se chegaria a um acordo na terça-feira. E ontem de manhã depois de uma longa reunião entre Ibrahim Eris, Kandir e Jório Dauster caracterizou-se o impasse e a missão do FMI decidiu voltar hoje a Washington, depois de um mês no Brasil.